

Euclides da Cunha: literatura e história

Joana Luíza Muylaert de Araújo*

Abstract

This paper intends to examine the concepts of historical and fictional discourses as narrative constructions. Based upon Euclides da Cunha's proposals concerning a specific aesthetics for Brazilian historical novel, the present study is developed within the perspective of recent theories of language and theories of narrative.

Como já foi exaustivamente observado, a obra de Euclides da Cunha é permeada de contradições teóricas, próprias de uma geração de escritores brasileiros do final do século XIX, de formação essencialmente positivista.

De modo esquemático, pode-se afirmar, nela confrontam-se duas formas básicas de conhecimento: a dedução e a indução. De um lado, a utilização de métodos e conceitos em voga nas Ciências Sociais, com o objetivo de analisar e propor alternativas viáveis para os problemas sociais, econômicos e políticos do país; de outro, a observação mais direta da realidade, a qual por sua vez, não se explicava pelas significações convencionais das ideologias vigentes.

A aplicação de um quadro teórico incompatível com a intenção de elaborar um esquema que permitisse a integração do Brasil no processo civilizatório ocidental só podia mesmo resultar num beco sem saída. A esse respeito, Euclides da Cunha parecia estar consciente, embora jamais tenha explicitamente renunciado ao evolucionismo de Spencer e Gumpłowicz, ao determinismo de Taine ou ao positivismo de Augusto Conte.

* Professora Adjunto de Teoria Literária do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Letras pela UFRJ.

Prova da atitude crítica e combativa do escritor - apesar do pessimismo em relação ao país, pessimismo decorrente das idéias mesmas que professava - são suas palavras no discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, no qual afirma que os novos princípios políticos e filosóficos

*que chegavam não tinham o abrigo de uma cultura, e ficavam no ar, inúteis, como forças admiráveis, mas sem pontos de apoio; e tornaram-se frases decorativas sem sentido, ou capazes de todos os sentidos; e reduziram-se a fórmulas irritantes de uma caturrice doutrinária inaturável; e acabaram fazendo-se palavras, meras palavras, rijas, sêcas, desfibradas, disfarçando a pobreza com a vestimenta das mais pretenciosas maiúsculas do alfabeto!*¹

Mas, ainda aqui, o impasse não consiste na teoria, o impasse existe porque o país não estaria preparado para acolher as novas idéias que vêm de fora.

A propósito, é esclarecedora a “Nota Preliminar” de *Os Sertões*, onde confessa o autor que foi involuntariamente (o grifo é meu) que seu livro se tornou um livro de ataque.²

Entre a observação resultante de sua experiência como repórter de “O Estado de São Paulo”, enviado a Canudos para acompanhar a última expedição militar, e o conhecimento dedutivo partindo de premissas positivistas, percorreu Euclides da Cunha um tortuoso caminho. De sua teoria sobre o Brasil, construída dentro do quadro teórico cientificista, permaneceram, vigorosas e verdadeiras, as afirmações finais de *Os Sertões*, que, a seu despeito, tomaram a forma de uma crítica severa sobre a ação governamental diante da insurreição de Canudos, confirmando-se, assim, por parte do escritor, uma apreciável e singular superação dos entraves conceituais positivistas.

Na verdade, ao escrever a história da Guerra de Canudos, Euclides da Cunha não foi apenas um teórico, foi também um narrador. E ao narrar procurou fazer “*jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela merece*”, tentando ser fiel não somente aos “*fatos*”, “*datas*” e “*genealogias*”, mas principalmente aos “*sentimentos e costumes*”, tentando sentir, ver e ouvir como “*bárbaro*” “*entre bárbaros*”, conforme ele mesmo diz ao transcrever as palavras do sociólogo francês acima citado.³

¹ CUNHA, Euclides da. Discurso da Recepção na Academia Brasileira de Letras. Contrastes e Confrontos. In: *Obra Completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 210.

² CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Nota Preliminar. In: *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, pp.93-4.

³ CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Nota Preliminar. In: *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 94.

Essa visão, presente na obra do escritor, entre o que ele pretendia enquanto teórico e narrador e o que ele efetivamente realizou, coloca-nos frente a um outro impasse agora relativo às oscilações entre a arte e o conhecimento, entre a história - enquanto narrativa - e a literatura.

O que pretendo sustentar neste trabalho é a afirmação de que em *Os Sertões* prevaleceu a arte enquanto forma de conhecimento, corrigindo alguns dos vários equívocos teóricos devidos aos esquemas abstratos positivistas, utilizados pelo escritor na sua interpretação do Brasil.

A afirmação, aliás, não é nova nem original. É unânime a idéia de que se não fosse a dimensão artística, *Os Sertões* não teria permanecido como obra fundamental da literatura brasileira.

É objetivo meu, porém, abordar o problema procurando compreender a concepção bem peculiar do escritor a respeito da literatura enquanto história (ou da história enquanto literatura), com base nos textos de Euclides da Cunha, nos quais a questão é mencionada e especialmente na “Nota Preliminar” de *Os Sertões*, em que Tucídides e Taine são citados como referências exemplares de narrador e historiador.

Embora haja recorrido ao termo já consagrado, romance histórico, e à proposta também conhecida de síntese entre arte e ciência, tão cara aos escritores científicistas da época, o fato é que as mesmas noções adquirem um sentido bem específico nos textos do autor.

Numa carta endereçada a José Veríssimo, onde contesta o crítico literário por ter este último condenado o uso excessivo de termos técnicos e científicos em *Os Sertões*, escreve Euclides da Cunha, justificando-se, que “*o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer dos seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano*”. Confiante, anuncia que “*o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a avidez característica das análises e das experiências*”⁴.

A partir da leitura de cartas e artigos do escritor acerca do assunto, pode-se afirmar que para ele a narrativa literária não se distingue da narrativa histórica, concebida, é claro, segundo o instrumental teórico positivista, última palavra no campo das ciências humanas daquele final de século. No caso de Euclides da Cunha o entrelaçamento da literatura, da história e do pensamento científico chega a um impasse com a sua obra mais conhecida, *Os Sertões*. De seus escritos, deduz-se que o autor considerava seu texto sobre Canudos um texto literário, mais especificamente um romance histórico.

Com essa visão, Euclides propôs uma estética para o relato dos eventos e para a descrição dos costumes, da “terra” e do “homem” brasileiro.

⁴ CUNHA, Euclides da. Epistolário. In: *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996, pp. 620-621.

Nossa história, afirmava o escritor, “*é talvez certa, torturantemente certa no fixar não sei quantas datas e lugares ou compridos nomes de bispos e governadores, mas fala-nos tanto da alma brasileira como a topografia nos fala das paisagens*”⁵

Em carta a Araripe Junior, referindo-se à literatura brasileira, diz ele:

*Não temos romances históricos, sendo a nossa vida nacional tão farta de episódios interessantíssimos e originais. A este propósito, estou quase a lhe dar o mesmo conselho que me deu há poucos dias, em carta, o Dr. Lúcio Mendonça: aviventar com a fantasia criadora um dos mil incidentes da nossa história.*⁶

A este respeito, vale lembrar que Euclides da Cunha considerava a fantasia um elemento constitutivo do conhecimento; não a fantasia “*imaginosa arbitrária*”, mas a fantasia essencial à “*pintura sugestiva dos homens e das coisas*”, dos “*costumes*”, enfim, “*que são a imprimidura indispensável ao desenho dos acontecimentos*”.⁷ A mesma idéia de romance histórico é ainda retomada pelo escritor num ensaio a respeito das secas no norte, lamentando que entre nós, “*não havendo uma estética para as grandes desgraças coletivas*”, como na Europa, “*estes transe tão profundamente dramáticos não deixam traços duradouros*”⁸, não se acham expressos nas produções artísticas.

Temos aí o positivista Euclides da Cunha falando da história como um esteta: um esteta com sensibilidade para os acontecimentos dramáticos, ou melhor, um escritor que relatou os acontecimentos de um ponto de vista dramático⁹.

Procurando compreender este contador de histórias que foi Euclides da Cunha, recorro aqui, aqui, mais uma vez à “Nota Preliminar” de *Os Sertões*, onde o autor cita a obra de Tucídides como modelo de narrativa histórica¹⁰.

Como é sabido, com Tucídides, ocorre uma ruptura radical em relação à tradição narrativa; o que se expressa na recusa da dimensão ficcional presente no relato mítico e poético, na atitude de suspeição frente à memória, à oralidade e à visão. A partir de Tucídides, o narrador passa a dar ênfase à dimensão política do relato, desqualificando a sua dimensão ficcional. A valorização

⁵ Id., *Ibid.*, V. I. p. 208.

⁶ Id., *Ibid.*, V. II. p. 628.

⁷ Id., *Ibid.*, V. I. p. 208.

⁸ Id., *Ibid.*, V. I. p. 131.

⁹ A respeito das relações entre a narrativa histórica e a narrativa literária, ver: WHITE, Haiden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 97-116.

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. In: *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, pp.93-4.

da escrita e do leitor futuro são decorrências desse corte com a narrativa mítica e poética fundamentada na tradição oral¹¹. Essa mesma atitude de desconfiança e precaução, diante do testemunho oral e da memória mais imediata, orienta Euclides da Cunha na elaboração de seu relato sobre o episódio de Canudos.

Como o narrador da Guerra do Peloponeso, dedicou-se o escritor brasileiro à reconstituição metódica da verdade dos fatos, que teria ficado perdida, segundo ele, em meio às variadas versões desconstruídas. Procurando ser imparcial, suspeitou de suas próprias impressões e das primeiras testemunhas que encontrou; não chegou, porém, a duvidar de si mesmo enquanto espectador nem do que chamou de “*informações seguras*”. E acreditou poder fornecer a interpretação fidedigna que faltava.

Sobre a Campanha de Canudos, Euclides da Cunha escreveu crônicas para o jornal “O Estado de São Paulo”, fez anotações em forma de um “Diário” - quando lá esteve como repórter acompanhando a última expedição militar - e produziu *Os Sertões*, resultado de extensas pesquisas em autores consagrados na época, da análise de documentos bem como do testemunho dos que viveram a história então recente.

Entre a autoridade e o prestígio da ciência, a versão oficial veiculada pela imprensa, os relatos das “*primeiras testemunhas*” que encontrou e ainda as próprias impressões, a escrita de Euclides vacila.

Dentro da perspectiva evolucionista da história, teorizou sobre a “terra” e o “homem” brasileiro. Os fatos narrados na terceira e última parte do livro deveriam apenas comprovar as teorias propostas. Mas eis que a narração toma outro rumo e *Os Sertões* torna-se um livro de “*ataque franco e involuntário*”, conforme afirmou o próprio Euclides na “Nota” citada.

Onde não esperava o leitor - e nem o próprio autor - exatamente no relato dos acontecimentos que este último “viu” e “observou”, revelou-se frágil o quadro teórico utilizado na descrição da “terra” e do “homem”.

A questão requeria, de fato, outros métodos de abordagem. Foi preciso, sim, ter acompanhado os acontecimentos de perto. Foi preciso estar atento ao que via e ouvia. Mas “*o caso*”, pondera o escritor, “*era mais complexo e mais interessante*”¹². O “*caso*” não se explicava nem pela ciência, nem pelo testemunho dos que o viveram, nem pelas impressões do próprio narrador.

A narração dos últimos dias da Campanha é decisiva para a compreensão de um sentido mais abrangente da obra, pois é aí que o autor afirma, de maneira clara e inequívoca, a sua posição final. Sem mais oscilações

¹¹ Sobre a constituição do discurso histórico, a partir das obras de Heródoto e Tucídides, ver o artigo de Jeanne Marie Gagnebin. O início da história e as lágrimas de Tucídides. In: *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais da Puc de São Paulo, nº 1 (mar. 1992), São Paulo: EDUC, 1992, pp. 9-28.

¹² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. In: *Obra Completa*. Vol. II. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.328.

nem ambigüidades, Euclides da Cunha termina por definir a Guerra de Canudos como “*crime inútil e bárbaro*”, “*a luta mais brutal dos nossos tempos*”, “*um esboço real do maior escândalo da nossa história*”, “*uma charqueada*”¹³.

Foi por caminhos outros que não os métodos empregados - e na verdade em franca contradição com a ciência em particular, como já fora observado - que o escritor chegou a apontar este outro sentido para o drama de Canudos. O que ficou ainda para ser compreendido está suspenso nas reticências e entrelinhas das últimas páginas de *Os Sertões*.

Defendendo a teoria da dominação, pela força, das raças superiores, Euclides da Cunha tentou o impossível: apontar saídas para o nosso atraso social, cultural e político, através de um esquema interpretativo que excluía qualquer saída para países como o Brasil. Ao final, teve que abandonar este esquema teórico de interpretação. A suposta racionalidade cientificista cede lugar, passo a passo, para uma narrativa apaixonada e inequivocadamente comprometida. Vai-se desarticulando a argumentação positivista pelo poder de uma argumentação, em sentido contrário, que paralelamente se insinua. A verossimilhança obtida com a exposição, a princípio tão segura e afirmativa, das causas (o meio, a raça e o momento) do conflito perde a força diante de um outro discurso tecido de dúvidas, reticências, silêncios e frases entrecortadas, à medida que a narrativa se aproxima do final. Outras causas são então apontadas nas fraturas do discurso científico: as desigualdades de toda ordem, as disparidades entre os “*dois Brasis*” e por aí a fora. A retórica cientificista revela-se, deste modo, vazia frente a um discurso indignado e tenso de denúncia: o narrador positivista “*sistematiza a dúvida*”¹⁴.

Na escrita de Tucídides, diz Jeanne Marie Gagnebin, se “*a austeridade argumentativa*” - garantida pela coerência interna de seu discurso competente ao modo de um bom sofista - e “*os critérios racionais*” - que não são na verdade explicitados - nos permitem compreender racionalmente a história, por outro lado, nos impedem “*de conceber uma outra história a não ser a escrita por ele*”¹⁵. Nesse sentido, continua Jeanne Marie, a retórica de Tucídides muito se aproxima da retórica sofista dos oradores públicos que ele tanto combateu, através de um discurso escrito, lógico, convincente. Apenas, o que faz a diferença entre a retórica dos demagogos e a escrita de Tucídides é o grau de competência dessa última, assegurada pela emergência de um novo modelo narrativo que afinal se legitima e se afirma.

Ao contrário do relato bem articulado de Tucídides, a narrativa de Euclides deixa aberta aos futuros leitores, nas lacunas do seu discurso, a possibilidade de conceber outras interpretações.

¹³ CUNHA, Euclides da. Op. cit. V. II. Às páginas 431, 409, 433 e 461, respectivamente.

¹⁴ CUNHA, Euclides da. op. cit. V. II. p. 525.

¹⁵ Ver GAGNEBIN, Jeanne Marie, op. cit. Às páginas 12, 20 e 21.

Há muita coisa fora do lugar nesta história; há algo de inverossímil em Canudos, que as palavras parecem não conseguir reconstituir.

Do paralelo entre os dois escritores podemos afinal constatar que, se Tucídides conseguiu compreender e fazer compreender a história através da teoria do poder e da dominação, muito próxima de uma arte retórica bem sucedida¹⁶, Euclides da Cunha, ao contrário, não sustentou a racionalidade do discurso do mais forte. Certamente porque, além de ver e ouvir os acontecimentos e tentar interpretá-los segundo o instrumental teórico cientificista, o escritor brasileiro fez deles um relato mais próximo de uma arte poética, de uma narrativa literária, nem tão lógica, ou tão convincente, mas nem por isso, menos verdadeira. Que outro fator levaria um positivista a atravessar a opacidade do seu próprio discurso?

Referências Bibliográficas

- CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. (2 volumes). Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da história e as lágrimas de Tucídides”, In.: *Margem*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais da PUC de São Paulo, nº 1 (mar. 1992), São Paulo: EDUC, 1992, pp. 9-28.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. 3ª ed. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1987.
- WHITE, Haiden. “O texto histórico como artefato literário”. In.: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 97-116.

¹⁶ Ver GAGNEBIN, Jeanne Marie, op. cit. p. 28.

